

MÚLTIPLOS OBJETOS, MÚLTIPLOS OLHARES: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR.

Maria de Fátima Gomes da Silva¹

RESUMO: O presente artigo constitui um recorte de uma investigação que está a ser realizada e tem por objectivo trazer à reflexão questões atinentes à problemática da investigação, no âmbito da formação de professores. Importa, pois, refletir sobre as possibilidades e os limites de se fazer investigações, na esfera da educação, de carácter interdisciplinar. Ressalta-se, portanto, que a investigação, que está a ser realizada nos meandros referidos, ancora-se numa possível epistemologia da interdisciplinaridade, ou seja, procura investigar perspectivas interdisciplinares das pesquisas em educação, considerando os múltiplos objetos investigados e também os diversos olhares que são projetados sobre esses objetos.

PALAVRAS-CHAVES: Interdisciplinaridade, diálogo e ensino superior.

ABSTRACT: This article is a report about a research on the problematics of the 'Research in the education of teachers'. The reading of this article should wake the thought about the problematics of the research in the scope of the education of teachers and also the possibilities and the limits the interdisciplinary research in the scope of education. This research is based on a possible epistemology of the interdisciplinarity. In other words, it tries to research the interdisciplinary perspectives of the researchs on Education. For that, we consider the multiple researched objects and the multiple looks which are projected on these objects.

KEY-WORD: Interdisciplinarity, dialogue and university education.

1 Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCEUP. Está a realizar Pós-Doutoramento na FPCEUP. Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco – UPE. Membro efetivo do Centro de Investigações e Intervenções Educativas – CIEE da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCE-UP – Portugal e Professora Colaboradora da Universidade da Madeira – UMA – Portugal, no âmbito do Doutoramento em Educação.

Introdução

O presente artigo constitui uma reflexão sobre a problemática atinente às investigações em educação no Ensino Superior. Importa, pois, refletir sobre as possibilidades e os limites de se fazer investigações, na esfera do Ensino Superior na ótica da interdisciplinaridade, considerando a concepção histórico-dialética², a qual passa necessariamente pela desconstrução das certezas dos projetos prontos. Ou seja, nesta concepção de interdisciplinaridade, a histórico-dialética, faz-se necessário que o ser humano engajado num trabalho interdisciplinar, que tenha por princípios a incerteza e a inconclusão do conhecimento humano, reconheça a complexidade do momento atual e procure superar os limites epistemológicos, psicossociológicos e institucionais. Neste caso, propõe-se uma interdisciplinaridade baseada numa “epistemologia da complexidade” na qual a rigidez da lógica clássica deverá ser substituída pela dialógica, e o conhecimento da integração das partes num todo é completado pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes, fato que remete à importância vital da contextualização do conhecimento

Desse modo, esta investigação, está ancorada por uma possível epistemologia da interdisciplinaridade, assente na concepção histórico-dialética, isto é, reflete-se sobre perspectivas interdisciplinares das pesquisas em educação no Ensino Superior, considerando os múltiplos objetos investigados e também os diversos olhares que são projetados sobre esses objetos.

No que à estrutura deste texto diz respeito, num primeiro ponto, apontam-se *algumas reticências entre a interdisciplinaridade e as investigações que estão a ser desenvolvidas no Ensino Superior*. Em seguida, busca-se refletir sobre as *estranhezas e as relações existentes entre investigações interdisciplinares e práticas docentes no Ensino Superior*. A seguir sobre as *percepções dos docentes universitários sobre o lugar da interdisciplinaridade na docência universitária*. Alude-se também aos *procedimentos metodológicos adotados e ensaiam-*

2 Nesta concepção, a interdisciplinaridade se impõe como uma necessidade e como problema no plano material-histórico-cultural e no plano epistemológico e exige uma deliberação colectiva de problemas públicos, bem como, a emersão de memórias reprimidas e silenciadas através da análise das experiências de carácter sócio-histórico

se outras reflexões sobre o objeto de estudo deste artigo, sob forma a levantar novas questões à volta da problemática aqui abordada, sob forma incitar outras investigações neste âmbito, que reflitam sobre a importância da vivência da interdisciplinaridade nas investigações no Ensino Superior. E por fim, esboça-se uma breve conclusão sobre as ideias aqui fomentadas.

Algumas reticências entre a interdisciplinaridade e a pesquisa no Ensino Superior

Conforme foi atrás referido, estas reflexões assentam-se na concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade que foi desenvolvida em outra investigação³ (Silva, 2009), e que tem como categorias mestras a *parceria*, o *diálogo* e a *complexidade*, entre outras. Entretanto, neste trabalho as reflexões assentam, particularmente, nestas categorias interdisciplinares referidas.

A seguir essa ordem de ideias, é de referir que estas categorias, de âmbito interdisciplinar, a *parceria*, o *diálogo* e a *complexidade*, são por assim, imprescindíveis numa pesquisa de caráter interdisciplinar, se forem considerados os múltiplos objetos, os múltiplos olhares e as multireferencialidades que uma pesquisa interdisciplinar traz em seu bojo.

Assim sendo, ressalta-se que a vivência da interdisciplinaridade nas pesquisas do Ensino Superior, sob a égide da *parceria*, aponta para um tipo de pesquisa sob duas perspectivas. A primeira perspectiva e/ou conotação baseia-se na ideia de que a presença da categoria *parceria*, nas pesquisas assentes na interdisciplinaridade, aponta para a necessidade de encontro entre os sujeitos socialmente constituídos que pretendem, através da pesquisa interdisciplinar, aglutinar esforços no sentido de inovar não só os currículos escolares, mas também, de transformar estruturas sociais que estão a caducar, sobretudo, pela ausência da participação conjunta dos sujeitos.

A segunda perspectiva e/ou possibilidade de se ter presente a categoria *parceria* nas pesquisas interdisciplinares, não se opõe a esta primeira, antes, a compreende sob um ângulo mais complexo, uma vez que aponta para a possibilidade de tornar

3 Cf. SILVA, Maria de Fátima Gomes da. **Para uma resignificação da interdisciplinaridade na gestão dos currículos em Portugal e no Brasil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

a universidade uma instituição que se insere no âmbito de uma cidade educativa pela participação e pela crítica conjunta e coletiva de todos os seus membros relativamente a todos os projetos educativos que se orientem pela ótica da interdisciplinaridade, considerando que a sociedade é impregnada por um coeficiente de poder, e que assim sendo, os sujeitos individuais não se justapõem, uns ao lado dos outros, mas colocam-se hierarquicamente uns sobre os outros, estabelecendo uma relação de dominação entre si, principalmente, por meio dos conhecimentos adquiridos. E dentro dessa perspectiva, é que a *parceria*, no âmbito da universidade, não poderá ser entendida como um processo de justaposição ou de gregarismo entre os sujeitos, mas como uma das formas de tornar possível as relações entre os opostos e/ou hierarquicamente desiguais por meio da discussão e/ou do exercício da interdisciplinaridade (*ibidem,ibidem*).

Relativamente à presença do *diálogo* no âmbito das pesquisas de caráter interdisciplinar, é de referir que este aqui é tomado na perspectiva freireana, isto é, o *diálogo* é o “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1987: 78). Observe-se, porém, que o *diálogo* do modo como está a ser entendido por Freire sinaliza, de certa forma, para a necessidade de o ser humano experienciar relações mais abrangentes, ou seja, relações que não se situam apenas no âmbito de um ou de dois sujeitos individuais, mas que devem situar-se ao nível do sujeito coletivo, relações que sejam capaz de romper com o ostracismo característico de pesquisas acadêmicas autoritários, egocêntricas que têm como objetivo o silenciamento das vozes dos oprimidos, daqueles que estão habituados apenas à execução de projetos prontos que, muitas vezes, só almejam a promoção de alguns poucos “iluminados”.

Avesso a essa perspectiva, a de se pensar o *diálogo* apenas no âmbito da relação eu-tu, Freire (*ibidem*: 79) afirma que “o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias e serem consumidas pelos permutantes”.

Observe-se nessas ideias referidas por Freire relativamente

ao exercício do *diálogo* no âmbito do processo educativo, que o refletir e o agir constituem eixos de grande importância no que toca à transformação de estruturas educacionais estáticas e ultrapassadas e da forma como estão a ser realizadas as pesquisas no Ensino Superior, isto é, no que se refere a estruturas educacionais e às práticas de pesquisa ainda assentes no modelo bancário de educação, centrado na disciplinarização do conhecimento e conseqüente fragmentação do saber.

O *diálogo*, dentro da perspectiva que está a ser proposta por Freire, pressupõe também um exercício de humildade como também, a participação efetiva dos sujeitos socialmente constituídos, onde uns reconhecem os outros, onde a ação do ser humano sobre os objetos é delineada com base no princípio da alteridade, aspecto importante à construção de pesquisas de caráter interdisciplinar (Silva, 2009).

No que diz respeito à *complexidade* na esfera das pesquisas de caráter interdisciplinar, infere-se que esta categoria que é, por assim dizer, a categoria mestra da concepção histórico-dialéctica da interdisciplinaridade e que sinaliza, de certa forma, para os “perigos” da fragmentação do conhecimento em pesquisas assentes na fragmentação e na compartimentalização do conhecimento, em que o(s) pesquisador(es) dizem a sua palavra de forma simplificada e como verdades absolutas, constituindo assim o império da disjunção, tornando rara a comunicação entre o conhecimento científico e a reflexão filosófica e fomentado, de certa forma, o pensamento simplificador o qual “(...) é incapaz de conceber a conjunção de uno e do múltiplo (*unitas multiplex*): ou ainda unifica abstratamente ao anular a diversidade sem conceber a unidade” (Morin, 1990: 18).

Em face dessa visão simplificadora e unidimensional, o sujeito torna-se incapaz de conceber a complexidade dos fatos sociais e do conhecimento, ou seja, o sujeito pesquisador que desconhece e/ou desconsidera a realidade antro-po-social na sua microdimensão (o ser individual) e na sua macrodimensão (o conjunto planetário da Humanidade)⁴, não poderá vivenciar a interdisciplinaridade em sua amplitude. E, dessa forma, é que a categoria *complexidade* relativamente à interdisciplinaridade implica que se trabalhe o paradoxo do uno e do múltiplo em

4 Cf. Morin, Edgar. (1990: 19).

termos da construção do conhecimento, visto que a *complexidade* no que toca à interdisciplinaridade materializa-se através da desordem, da ambiguidade e da incerteza que o pensamento humano sofre aquando do processo de transformação e de aquisição de novos conhecimentos pelo sujeito em contato consigo mesmo e com outros sujeitos socialmente constituídos.

Entretanto, a vivência da *complexidade* no âmbito das pesquisas interdisciplinares, passa pelo enfrentamento de algumas dificuldades no que se refere “a confusão (o jogo infinito das inter-retroacções), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição” (*ibidem*: 21). Em outras palavras, pode dizer-se que viver a interdisciplinaridade numa perspectiva histórico-dialética nas pesquisas do Ensino Superior, implica vivê-la na sua *complexidade*, e isto significa conjugar esforços no sentido de distinguir sem separar e associar sem identificar ou reduzir através do princípio dialógico o qual constitui a essência desta concepção interdisciplinar na educação. Ao contrário, pesquisas às vezes ditas interdisciplinares são entendida por meio da simplificação do objeto ou da divisão deste em partes e/ou fragmentos que são conduzidos por especialistas de áreas diversas sem haver, muitas vezes, sequer uma intercomunicação entre eles (Silva, 2009).

Por outro lado, é importante referir que as relações entre interdisciplinaridade e pesquisa na ótica atrás referida, ainda parecem bastante distantes, sobretudo, quando a interdisciplinaridade, de caráter histórico-dialético, é postergada em face de uma organização curricular existente na universidade que, no âmbito das pesquisas que estão a ser realizadas demonstram várias ambiguidades. E nessa perspectiva, refere Fazenda (2000: 24), “(...) vislumbramos o aparecimento de uma primeira ambiguidade que mereceria ser melhor compreendida por quem avalia: solidão/desejo de parceria” e acrescenta,

(...) outra ambiguidade revelada em nossos textos refere-se à presença da dicotomia ensino/pesquisa na forma como os currículos dos programas de pós-graduação estruturam-se. Em certos programas disciplinares, o professor é visto e se percebe como ‘tarefereiro’, perdido em mil compromissos diversos e contraditórios: aulas obrigatórias, orientações numerosas, organizações de texto,

socialização dos mesmos, burocracia” (*ibidem*: 25).

É com base nestas ideias que procurar-se-á trazer à reflexão o que se denominou de *algumas reticências entre interdisciplinaridade e a pesquisa na formação superior*. Com isso pretende-se dizer que as reticências que se colocam face a essa problemática, consubstancia-se, numa primeira instância, nessas ambiguidades aludidas por Fazenda, ambiguidades essas, que no âmbito da *solidão/ desejo de parceria* apontam para a necessidade de encontro entre os sujeitos socialmente constituídos que pretendem, através de investigações interdisciplinares, aglutinar esforços no sentido de inovar as práticas educativas na universidade. E sobre isto alerta Fazenda (2000: 25) para o fato de que,

A interdisciplinaridade, em suas mais recentes produções, auxilia-nos na compreensão dessa ambiguidade, quando salienta a importância de definirmos **os lugares dos sujeitos na pesquisa**. A explicação de papéis e responsabilidades supõe um projeto detalhado, onde o pesquisador possa compreender que ao assumir seu lugar na pesquisa o sujeito passa a inscrever-se na história dos que constroem o conhecimento, arcando, portanto, com o ônus e as benéfcies de suas projeções e responsabilidades.

Desse modo, pode dizer-se que esse desejo de parceria na esfera das investigações que estão a ser realizadas no Ensino Superior, poderão materializar-se e superar as reticências que se colocam nesta reflexão à consolidação de investigações de caráter interdisciplinar, se esse desejo de parceria assumir um caráter interdisciplinar na perspectiva histórico-dialéctica, ou seja, em que as pesquisas realizadas sinalizem para “(...) a ideia e/ou necessidade de reunião entre os sujeitos, do trabalho em equipe (...)”.(Silva, 2009: 187), isto é, onde aconteça a necessária cumplicidade entre os sujeitos das pesquisas. E, nessa perspectiva, um “projeto interdisciplinar surge às vezes, de uma pessoa (a que já possui em si a atitude interdisciplinar) e espraia-se para as outras e o grupo” (Fazenda, 1999: 18). E nessa ordem de ideias refere Silva (*ibidem*: 188-189),

(...) que os discursos que se situam no âmbito da concepção histórico-dialéctica da interdisciplinaridade e que têm a *parceria* como categoria

de trabalho, parecem apontar também para a necessidade do trabalho em equipe, para o grande valor de se reunir professores de áreas distintas, para a importância do “compromisso” dos professores em face de projectos a serem desenvolvidos. Entretanto, a *parceria* no âmbito da concepção histórico-dialética, implica repensar, redescobrir e reconceitualizar a realidade social, recuperando assim as vozes daqueles que foram silenciados por não fazerem parte dos interesses das classes hegemônicas que estão a conduzir a sociedade.

É, portanto, nesses meandros, que a presença da parceria nas pesquisas educacionais parecem constituir uma condição imprescindível para a vivência da interdisciplinaridade nas investigações que estão a ser realizadas no campo do Ensino Superior, pois a parceria configura uma presença intrinsecamente marcante revestindo-se e/ou aparecendo de infinitos e por que não dizer indecifráveis aspectos. Mais ainda, a parceria nos meandros das pesquisas na Educação no Ensino Superior e relativamente à concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade, se reveste de uma complexidade, visto que poderá manifestar-se através da necessidade em compartilhar falas, espaços, dificuldades, presenças e ausências, ou ainda poderá manifestar-se no “(...) prazer em dividir e, no mesmo movimento, multiplicar, prazer em subtrair para, no mesmo momento, adicionar, que, em outras palavras seria separar para, no mesmo tempo, juntar. Prazer em ver no todo a parte e vice-versa – a parte no todo” (Fazenda, 1999:12-13).

Por outro lado, numa segunda instância, essas ambiguidades que neste texto estão a ser traduzidas por reticências que se colocam à realização de investigações que tenham por princípio a interdisciplinaridade, e a pesquisa no Ensino Superior, consubstancia-se também na dicotomia existente entre ensino/pesquisa, pois como já foi referido, o professor ainda é visto como “tarefereiro”. Mais ainda, nas universidades ainda persiste a separação entre os que ensinam e os que pesquisam. E nesse sentido as pesquisas não constituem uma extensão das práticas pedagógicas, mas algo à parte. Há que se considerar que esse tipo de pesquisa de caráter disciplinar ou “alienígena” às práticas pedagógicas que estão a ser construídas no cotidiano escolar, pouco contribui para a melhoria da educação, uma vez que representa a solidão do fazer individual, para além de ser contrária à concepção de interdisciplinaridade aqui defendida, a histórico-dialética, que

dentre outras coisas, postula uma “(...) atitude de superação de toda e qualquer visão fragmentada e/ou dicotômica que ainda mantemos de nós mesmos, do mundo e da realidade”.(Bochniak, 2000: 68), pois uma pesquisa interdisciplinar que tente romper com as reticências abordadas neste texto e que se coloque no patamar da concepção histórico-dialéctica, consiste em

(...) atitude de superação de todas e quaisquer visões fragmentadas e/ou dicotômicas – sedimentadas pelo modelo de racionalidade científica da Modernidade – que ainda mantemos de nós mesmos, do mundo e da realidade, sem que se desconsidere quaisquer dos segmentos ou pólos indicados (corpo e mente; pensamento, sentimento; teoria e prática; idealismo e realismo; obrigação e satisfação; quantidade e qualidade...) e sem que se anule a identidade das disciplinas e ou áreas da produção e expressão do conhecimento contempladas (física, matemática, história, sociologia, anatomia...; ciências físico-naturais e ciências humanas e sociais; ciência, filosofia, arte e religião) (*ibidem*: 67-68).

No quadro dessas ideias pode-se anuir que pesquisas interdisciplinares, em educação, deverão aglutinar e considerar as diversas práticas existentes e articular os saberes que estão a ser produzidos quer seja no Ensino Superior, quer seja no Ensino Básico. No entanto, é de referir que muitos empecilhos ainda se colocam à realização de investigações que articulem às pesquisas realizadas aos os saberes produzidos na academia. É, pois, nesse âmbito, que o sub-item a seguir traz à reflexão perspectivas afeitas às relações e as estranhezas relativamente às investigações que estão a ser realizadas no Ensino Superior.

Estranhezas e relações existentes entre investigações interdisciplinares e práticas docentes no Ensino Superior

Este sub-item traz à reflexão questões atinentes as estranhezas⁵ e relações entre as investigações interdisciplinares

5 Ressalta-se que o termo “estranhezas” presente neste sub-item quer representar, de certa forma, uma esquivança e/ou impressão produzida pelo que é estranho, que neste caso, em particular, diz respeito à vivência da interdisciplinaridade em parceria, em complexidade e de forma dialógica nas pesquisas em educação.

que têm sido produzidas, e as práticas docentes no Ensino Superior. Antes porém, de apresentar essas estranhezas e relações, é importante que se diga que a interdisciplinaridade não é uma abordagem teórica que garantirá um ensino e pesquisas adequados, ou um saber unificado, mas um ponto de vista que permite uma reflexão aprofundada, crítica e salutar sobre o funcionamento do mesmo. É proposta de apoio aos movimentos de ciência e da pesquisa. É uma possibilidade de eliminação do hiato existente entre atividade profissional e a formação acadêmica. É a condição de volta ao mundo vivido e a recuperação da unidade pessoal, pois, o grande desafio “não é a organização metódica dos estudos e das pesquisas, mas, a tomada de consciência sobre o sentido da presença do homem no mundo.” (Japiassú, 1976: 31). A interdisciplinaridade se constitui na teoria de sistemas, que estabelecem, a partir do mesmo ponto de vista, novos e similares instrumentos conceituais e metodológicos para promover a compreensão do mundo que permita ao homem resolver os problemas da sociedade atual.

Ressalta-se, entretanto, que a interdisciplinaridade pode ser vista como um termo que serve para caracterizar a colaboração entre diversas disciplinas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência, e que uma atitude interdisciplinar levaria todo pesquisador a reconhecer os limites de seu saber para acolher contribuições das outras disciplinas (*ou de outros pesquisadores e de outras instâncias*)⁶, toda ciência seria complemento de uma outra, e a dissociação ou separação entre as ciências, seria substituída por uma convergência para objetivos mútuos.

Contudo, infere-se que tais ideias, embora constituam um avanço nomeadamente no que diz respeito às pesquisas que estão a ser realizadas nas universidades, apontam para uma problemática de caráter relacional entre as pesquisas, que têm sido realizadas na universidade, e as práticas docentes presentes nesta, isto é, as práticas construídas na universidade, ainda representam algo distante de ser consolidado na esfera da interdisciplinaridade como também estão distantes de serem uma extensão e/ou uma ação resultante das pesquisas realizadas na universidade, pois, nesse patamar referido, em que a

6 Grifos da autora deste texto.

interdisciplinaridade teria uma função mediadora entre teoria e prática da academia, observam-se algumas estranhezas que, de certa, forma estão a impedir que se estabeleçam parcerias. E essas estranhezas, têm a ver, muitas vezes, com a natureza dos projetos de pesquisa que se têm desenvolvido nas universidades.

No entanto, para dirimir ou tentar refletir sobre essas estranhezas existentes entre as práticas docentes e as pesquisas nas academias, aquando da construção de projetos de pesquisas, recorre-se ao que diz Fazenda sobre a natureza dos projetos interdisciplinares, pois para essa estudiosa do pensamento interdisciplinar, um projeto interdisciplinar (*comum aos educadores da academia e da educação básica*)⁷, deverá em primeiro lugar possuir um movimento dialético, que segundo ela, "(...) é próprio da atitude interdisciplinar – rever o velho para torná-lo novo ou tornar o novo velho". (Fazenda cit. Haas, 2000: 119). E mais, faz-se necessário também nesse tipo de projeto "(...) o recurso da memória como possibilidade de releitura crítica e multiperspectival dos fatos ocorridos nas diferentes práticas", (*ibidem: ibidem*); e ainda, a parceria "(...) que revela o compartilhar de falas, dos espaços, das presenças (...)", mais ainda,

(...) É a busca de ver no todo a parte e vice-versa. É buscar a prática na teoria e a teoria na prática. Consiste no diálogo com outros conhecimentos. É a possibilidade de que um pensar venha a se completar no outro. O sentido de um trabalho interdisciplinar estaria na compreensão e na intencionalidade da efetivação de novas e melhores parcerias". (*ibidem*: 119-120).

Ora, esse conjunto de aspectos apontados por Fazenda como pré-requisitos à elaboração de um projeto interdisciplinar, não poderia prescindir de um quarto elemento que é, por assim dizer, um dos principais instrumentos de articulação entre as práticas docentes universitárias e as pesquisas realizadas na universidade no combate às estranhezas que ainda se fazem presentes nas pesquisas que estão a ser realizadas nos meandros da educação, ou seja, será preciso ainda que o ambiente físico acadêmico possua um perfil interdisciplinar, pois "(...) a sala de aula e os demais espaços acadêmicos, é o lugar onde a

7 Grifos da autora deste texto.

interdisciplinaridade habita e a diferença está na ordem e no rigor transvertidos de uma nova ordem e de um novo rigor". (*ibidem*: 120). Mais ainda, "(...) num trabalho (*projecto*)⁸ interdisciplinar, é fundamental que sejam revistos os quatro elementos principais de uma sala de aula: espaço, tempo disciplina e avaliação – mantendo certos aspectos de rotina e transgredindo outros em direção a audácias maiores" (*ibidem*: 120). Por outro lado, mas ainda a propósito do que diz Fazenda relativamente à necessidade de "novo rigor", é de referir que,

(...) numa estrutura pós-moderna, o *rigor* combina "(...) a complexidade da indeterminância com a hermenêutica da interpretação – parece necessário estabelecer uma comunidade, uma comunidade crítica, mas apoiadora" (Doll, 2002: 198). E é, portanto, nessa lógica que o *rigor* se insere na concepção histórico-dialéctica da interdisciplinaridade, ou seja, numa lógica de complexidade, visto que a complexidade se tornou uma exigência social e política vital para o século actual e, assim sendo, na concepção histórico-dialéctica, é imprescindível um *rigor* que misture indeterminância com a interpretação para que se possa descobrir diferentes alternativas para problemas de ordem social, através das relações e interconexões entre sujeito e objecto, aliás, o *rigor* relativamente à concepção histórico-diléctica da interdisciplinaridade, possibilita o surgimento de novas visões, novas descobertas e novas reflexões que, ao conciliarem-se e juntarem-se, permitem ao sujeito uma visão total do conhecimento. (Silva, 2004: 217).

A acompanhar essa ordem de ideias, ou seja, de trazer à reflexão aspectos referentes à natureza de projetos interdisciplinares, é ainda de referir mais dois aspectos apontados por Fazenda - um concernente aos "alicerces dos projectos interdisciplinares", e outro, que diz respeito à efetivação de pesquisas interdisciplinares em que está a busca de superação da dicotomia ensino/pesquisa. Relativamente à necessidade de se construir os "alicerces dos projetos interdisciplinares", pode dizer-se que num projeto de viés interdisciplinar,

(...) a premissa que mais predomina é a do respeito ao modo de ser de cada um, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia – portanto, a interdisciplinaridade decorre mais do

8 Grifos da autora deste texto.

encontro entre indivíduos do que entre disciplinas. O projecto, a intencionalidade, o rigor são características importantes de uma forma de pensar e de agir interdisciplinarmente". (Fazenda, cit. Haas, 2000: 120).

Com relação à superação da dicotomia ensino/pesquisa, vale à pena referir que a efetivação de pesquisas interdisciplinares que ajudem a superar as estranhezas existentes entre os que investigam e os que ensinam na universidade, reside, grosso modo, na superação dessa dicotomia, ou seja, é preciso acreditar na possibilidade de transformar salas de aulas na universidade em locais de pesquisa, onde não haja estranhezas entre os sujeitos educadores que estão a fazer pesquisa interdisciplinarmente, pois "(...) fazer pesquisa numa perspectiva interdisciplinar é a possibilidade de buscar a construção coletiva de um novo conhecimento, prático, teórico, para os problemas da Educação. A interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação" (Fazenda, 1994: 81-89).

Em síntese, pode dizer-se que os sujeitos-educadores que pretendam sair do estado de estranhamento e de limbo educacional em que se encontram para rumarem em busca da construção coletiva de um novo conhecimento assente na perspectiva interdisciplinar, deverão ter em conta o *movimento dialético do conhecimento, a memória como possibilidade de releitura crítica e multiperspectival dos fatos ocorridos nas diferentes práticas, a parceria, a compreensão do que vem a ser uma sala de aula interdisciplinar, o respeito ao modo de ser de cada um, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia e a superação da dicotomia ensino/pesquisa.*

Estas reflexões relativamente às estranhezas e relações entre as pesquisas realizadas no Ensino Superior e a docência universitária, incita também à necessidade de perceber o que pensam os professores sobre a vivência da interdisciplinaridade no Ensino Superior. E, dessa forma, é que nesta investigação, procurou-se auscultar alguns docentes universitários a fim de verificar a percepção dos mesmos sobre o lugar da interdisciplinaridade neste nível de ensino. E, no âmbito destas ideias, é que o sub-item a seguir apresenta alguns fragmentos de discursos de docentes universitários sobre como estes percebem a interdisciplinaridade no Ensino Superior, e infere-se, que o modo como os docentes percebem a vivência

da interdisciplinaridade no Ensino Superior, são por assim dizer, reveladores, de certa forma, de como são feitas as pesquisas e de como são vivenciadas as práticas docentes na academia. Deste modo, é que o sub item a seguir traz à reflexão estas questões.

Percepções dos docentes universitários sobre o lugar da interdisciplinaridade na docência universitária

Com o objetivo de conhecer as percepções dos professores relativamente ao o lugar da interdisciplinaridade na formação universitária de profissionais da educação, foram realizados catorze inquéritos por questionário, a docentes universitários (DU) que aqui serão denominados de DU. No entanto, para esta análise, optou-se por analisar apenas quatro fragmentos de fala de alguns dos entrevistados referentes a esta questão, em face da impossibilidade tornar este texto mais extenso. Assim sendo, proceder-se-á a uma breve “amostragem” das percepções dos docentes, e a seguir serão feitas inferências à luz dos fragmentos de discursos dos entrevistados, em que procurar-se-á fazer uma análise sintética das percepções destes.

Deste modo, ao serem indagados sobre o lugar da interdisciplinaridade na formação universitária de profissionais da no Ensino Superior na lógica da interdisciplinaridade, alguns dos DU entrevistados, apresentaram as seguintes respostas:

“É justo afirmar a valorização da interdisciplinaridade, se a entendermos como o diálogo intrínseco de conteúdos disciplinares de um programa curricular e como condição necessária para consolidação de saberes” (DU1).

Em minha opinião, a interdisciplinaridade não tem sido trabalhada no Ensino superior. (DU2).

“O saber em Ciências da Educação é por definição multireferencial, pluridisciplinar e transdisciplinar. Normalmente o aprofundamento disciplinar do conhecimento é que nos conduz à necessidade da transdisciplinaridade e da interdisciplinaridade”. (DU8).

“Em geral, sou a favor das relações entre áreas de forma a evitar o endocruzamento de ideias que acaba, como se sabe, por levar à estagnação e degenerescência dessas mesmas ideias. Outro aspecto positivo da tentativa de integrar diversos pontos

de vista é o desafio que coloca em fornecer explicações mais completas da realidade”(DU9).

Com base nestes breves fragmentos de discursos de alguns dos acadêmicos entrevistados, é possível inferir que, estes percebem o exercício da interdisciplinaridade no Ensino Superior, por um lado, pautado no diálogo e em modos de trabalhos multireferenciais, mas que, contudo, é preciso evitar o endocruzamento. Isto dito em outras palavras, equivale a dizer que é preciso evitar processos e práticas interdisciplinares a-históricas em que se “mascara” e/ou desconsidera a problemática de caráter social, político e econômico, subjacentes às políticas de globalização que estão a excluir milhares de cidadãos do processo de construção de um conhecimento crítico, interdisciplinar, ou seja, num sentido mais complexo” (Silva, 2009: 80).

Procedimentos metodológicos adotados

Relativamente aos métodos utilizados para a realização desta investigação, é de referir que se fez uso da abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que esta permite uma melhor compreensão da problemática investigada e tem como sujeitos, docentes universitários de Portugal e do Brasil no sentido de tentar apreender a percepção destes sobre *o lugar da interdisciplinaridade na docência universitária*. Ressalta-se, porém, que esta investigação tem como campo de investigação universidades públicas em Portugal e universidades públicas no Brasil, e que a recolha de dados foi realizada por meio de inquéritos por questionário e de entrevistas semi-estruturadas.

Outras reflexões

As reflexões esboçadas neste texto sobre a problemática das pesquisas que estão a ser realizadas no âmbito da educação pelas academias, apontaram para algumas ambiguidades (reticências) e estranhezas que, por vezes têm funcionado como aspectos impeditivos no que se refere à realização de projectos de pesquisas interdisciplinares que tentem aglutinar o conhecimento que é investigado nas universidades e nos institutos de formação superior à escola de ensino básico.

ARTIGO

E assim sendo, é no âmbito das reflexões que foram fomentadas neste texto, que se levantam as seguintes questões as quais poderão funcionar como questões de saída para outras investigações que possam ser realizadas nos meandros deste objeto de estudo, a interdisciplinaridade nas pesquisas em educação no Ensino Superior. E, nesses meandros, questiona-se:

- Em que medida as investigações realizadas na esfera da educação no Ensino Superior têm se orientado pela ótica da interdisciplinaridade?

- Que relações existem entre a interdisciplinaridade, o ensino e a pesquisa no Ensino Superior?

- Será que as investigações realizadas pelas nas universidades têm ajudado na melhoria da qualidade do ensino e ajudado na formação de competências de caráter sociopolítico?

Conclusões

Para concluir, é possível inferir que das reflexões aqui fomentadas anui-se que há possibilidades e limites de realizar pesquisas em educação sob a égide da interdisciplinaridade no Ensino Superior, considerando, de certa forma, a base epistemológica aqui sucitada no âmbito da concepção histórico dialética. No entanto, é preciso considerar também, por outro lado, o que dizem os docentes universitários, cujos discursos serviram aqui de análise para uma certa elucidação desta questão. Ou seja, para que a formação docente no Ensino Superior possa ser organizada na lógica da interdisciplinaridade, é preciso que haja, diálogo, e este nível de ensino propicie aos estudantes o desenvolvimento de competências de carácter sociocultural que apresentem uma multireferencialidade.

Referências

BOCHNIAK, Regina. *Formação de Professores, Novas Tecnologias, Interdisciplinaridade e Pesquisa: Algumas Questões que se Apresentam Aos Sujeitos da História, na Atualidade*. In: QUELUZ, Ana Gracinda (org.) **Interdisciplinaridade: formação de profissionais da educação**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ARTIGO

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Avaliação no pós-graduação sob a ótica da interdisciplinaridade*. In: QUELUZ, Ana Gracinda (org) **Interdisciplinaridade: formação de profissionais**, São Paulo: Pioneira, 2000.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 4ªed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAAS, Célia Maria. *Ressignificando o Papel do Coordenador de Curso: Uma Vivência Interdisciplinar*. In: QUELUZ, Ana Gracinda (org.) **Interdisciplinaridade: formação de profissionais da educação**. São Paulo: Pioneira, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2ª ed. Paris: Sociedade Astória, Ltda, 1990.

SILVA, Maria de Fátima Gomes da. **Para uma resignificação da interdisciplinaridade na gestão dos currículos em Portugal e no Brasil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.